

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN
23 de Junho de 2025

THE SHOOTIST/ 1976

O Atirador

Um filme de Don Siegel

Realização: Don Siegel/ **Argumento:** Scott Hale, Miles Hood Swarthout, segundo o romance homónimo de Glendon Swarthout/ **Fotografia:** Bruce Surtees/ **Direcção Artística:** Robert Boyle/ **Montagem:** Douglas Stewart/ **Música:** Elmer Bernstein/ **Intérpretes:** John Wayne (John Bernard Books), Lauren Bacall (Bond Rogers), Ron Howard (Gillom Rogers), James Stewart (Dr. E.W. Hostetler), Richard Boone (Mike Sweeney), Hugh O'Brian (Jack Pulford), Bill McKinney (Jay Cobb), Harry Morgan (sheriff Walter Thibido), John Carradine (Hezekiah Beckum, agente funerário), Sheree North (Serepta), Rick Lenz (Dan Dobkins, reporter), Scatman Crothers (Moses Brown), etc.

Produção: M.J. Frankovich, William Self/ **Cópia:** Digital, colorida, versão original legendada eletronicamente em português/ **Duração:** 98 minutos/ **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em 11 de Agosto de 1976/ **Estreia em Portugal:** Tivoli e Roma, em 26 de Junho de 1979.

The Shootist é um dos mais singulares westerns da fase crepuscular do género. Não traz nada de novo; o argumento, mesmo a um olhar distraído, parece uma sucessão de clichés do género. E, no entanto, o filme provoca, no cinéfilo, uma estranha sensação, a que não faltam alguns contornos mórbidos. É que, no fim de contas, o cinéfilo sabe (e já sabia na altura da estreia) que está a ver o último filme interpretado por John Wayne e que, no fundo, parece representar uma espécie de cerimónia fúnebre de corpo presente (e ainda vivo). E sabemos que o filme assim foi imaginado e trabalhado.

Mas, no seu conjunto, **The Shootist** acaba por ser algo mais do que um “requiem” por um actor, para se transformar no de um género na sua fase clássica. Após a “morte” que teve lugar em 1962 em **The Man Who Shot Liberty Valance/O Homem Que Matou Liberty Valance**, de John Ford, e **Ride the High Country/Os Pistoleiros da Noite**, de Sam Peckinpah, e do enterro “oficial” em 1964, com os últimos westerns de Ford (**Cheyenne Autumn/O Grande Combate**) e Raoul Walsh (**A Distant Trumpet/A Carga da Brigada Azul**) — a que os últimos filmes de Howard Hawks, **El Dorado** (1967) e **Rio Lobo** (1970) vêm trazer um toque de pitoresco e picaresco —, **The Shootist** é uma espécie de missa de adeus, a propósito da homenagem daquele que foi o representante maior do género nas salas de cinema.

E vários são os convocados para esta cerimónia. É bastante curioso dar alguma atenção aos rostos que vão desfilando no filme, muitos deles bem conhecidos dos apreciadores do género. Por um lado são figuras conhecidas de outros westerns em que participou o “Duke”, como Harry Morgan no sheriff da cidade e Richard Boone que foi o general Sam Houston em **The Álamo**, o filme realizado por John Wayne. Por outro, são outras vedetas, que trabalharam já com o “Duke” e que vêm, com as suas aparições, fazer a sua despedida: James Stewart (o Ransom Stodhard, de **The Man Who Shot Liberty Valance**) e Lauren Bacall, que o

acompanhou na sua viagem por **Blood Alley (Aldeia Em Fuga)** de William Wellman. Curiosamente, para todos estes nomes, assim como para o realizador (Don Siegel) e outra presença (Hugh O'Brian, popularíssimo “westerner” da televisão, que veio prestar homenagem ao seu mestre), **The Shootist** representou a última incursão que fizeram no cinema neste género. Tudo isto traz para o filme uma atmosfera melancólica que deixa as suas marcas no espectador.

The Shootist tem um começo fulgurante. Começa com uma evocação, a preto e branco, do passado de John Bernard Books, dos seus tempos de pistoleiro a soldo e mesmo de sheriff. Começo aqui a intencional identificação da personagem com o actor, a fusão de dois mitos, um dos Oeste, outro de quem lhes deu vida na tela, porque, naturalmente, as imagens que ilustram esse passado são planos de antigos filmes de John Wayne (**Red River**, etc). Logo a seguir, uma situação clássica do género, com o assalto de que é alvo Books e a forma expedita como este resolve a situação, matando o adversário. A partir de então, o argumento (adaptado de um romance de Glendon Swarthout, publicado em Portugal pela editora D. Quixote, naquela colecção de policiais de capa negra) desenvolve uma série de situações clássicas (com um certo cheiro a “dejà vu”) à volta da chegada do “estranho” a uma cidade. Só que a cidade já não é o típico lugarejo de fronteira, é já uma urbe marcada pela civilização, com automóveis (estamos já no século XX, como em **Ride the High Country**) e, inclusivé, uma carreira de transportes urbanos (o que entre nós era conhecido como o “americano”: o carro de tracção sofre carris) que Books não hesita em utilizar como qualquer cidadão normal. Books surge aqui como uma espécie de fantasma do passado, que ainda assusta alguns dos cidadãos (em particular o representante da lei, que só descansa quando sabe que Books está a morrer) e suscita a admiração dos jovens que vêem nele a imagem idealizada do passado. A diferença, entre as referidas situações clássicas (dominantes em westerns da década de 50) e a de **The Shootist**, é que Books não vem em “serviço”. Procura antes um médico (James Stewart) que antes tratara dele ferido (não podemos deixar de lembrar o **El Dorado**, de Hawks) para o examinar, e que acaba por confirmar o diagnóstico de outro: cancro. Deste modo, a “identificação” entre o actor e a personagem fica completa. Naquela altura, o “Duke” travava o seu último combate contra “the big C”, como ele lhe chamava, que lhe fora diagnosticado no começo dos anos 60 e já lhe levava um pulmão (A doença terá tido origem na estadia nos desertos do Nevada, onde tinham sido feitas as experiências atómicas nos anos 40, e onde, a meio da década de 50, John Wayne filmou **The Conqueror/O Conquistador**. Na verdade quase todas as principais figuras deste filme foram vítimas de cancro anos mais tarde: o realizador Dick Powell, e, entre os intérpretes, para além do Duke, Pedro Armendariz e Susan Hayward). A situação de Books na cidade é “clássica” na medida em que segue uma linha bem conhecida: o medo que marca algumas personagens, a simpática viúva que o acolhe, e o filho desta que o admira. Books, ao ter a confirmação do seu mal, resolve “partir” em grande, em vez de esperar pelo fim na cama, e convoca alguns dos seus adversários para um último duelo no bar. Talvez inconscientemente, John Wayne procurasse o mesmo, para estar à altura do seu próprio mito, porque **The Shootist** contém outros sinais da ideia que o “Duke” tinha do Oeste e da sua função como actor, ao fazer a “formação” do jovem Gillom (Ron Howard, o futuro realizador), procurando-lhe incutir uma “moral” que pode ver ser assimilada quando está a morrer, sorrindo em paz, quando vê Gillom lançar fora a arma. Cena que talvez tenha sido imposta pelo actor no argumento, dado que, no romance de Swarthout, é o contrário que se verifica, deixando adivinhar um novo pistoleiro em nascença. Era a típica mensagem moral que o actor procurava transmitir nos seus westerns finais, em especial em **The Cowboys**, de Mark Rydell (1972).

Manuel Cintra Ferreira